

A GEOPOLÍTICA: CAMPOS DO SABER HEGEMÔNICOS E CONTRA-HEGEMÔNICOS NA GEOGRAFIA

WILLIAM MARTINS LOURENÇO¹; TIARAJU SALINI DUARTE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – willilou@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – tiaraju.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para compreender a construção de um discurso geopolítico, devemos buscar análises que centram-se nas diversas formas de poder que emanam das mais distintas organizações sociais em suas múltiplas escalas. Desta maneira, a Geopolítica nos remete a uma dimensão política do espaço, na qual os atores que a compõem estão submersos em variados campos de disputa.

Na história clássica da área denominada de Geopolítica evidenciamos uma construção do pensamento vinculada, principalmente, ao poder que emana do Estado-Nação. A origem da terminologia utilizada estabelece uma relação estrita com os campos de poder oriundos dos Estados Nacionais Modernos em um momento de plenas disputas territoriais.

Neste contexto, caracterizado aqui como a Geopolítica clássica, Wanderley Messias da Costa (1993, p. 57) relata que surge uma área de pensamento que mais se assemelha a um receituário do imperialismo, com fórmulas de dominação e justificativas de soberania nacional, xenofobia, entre outros.

Contudo, na contemporaneidade aparecem questões que devem ser rediscutidas no arcabouço teórico da área de conhecimento denominada Geopolítica. Conforme nos demonstra a autora BECKER (1988, p. 177), não buscamos negar o conhecimento estratégico que a geografia e a Geopolítica constituem, mas sim trazer esta discussão para a sociedade e compreender as diversas formas de manifestação do domínio espacial.

Assim, repensar a Geopolítica denota a possibilidade de compreender quais atores sociais configuram-se como suportes basilares nos mais diversos campos discursivos. Estes constituem, projetando suas relações de poder no espaço, a formação de territórios multiescalares, confluindo não para a libertação/emancipação dos grupos sociais, mas sim para a cooptação dos mesmos.

A partir desta problemática, o objetivo geral do presente trabalho é analisar a constituição da Geopolítica na ciência geográfica no contexto atual, buscando compreender os diversos discursos que constituem a ordem hegemônica e contra-hegemônica deste saber.

2. METODOLOGIA

Articulando-se ao objetivo proposto, o plano de trabalho está centrado em três eixos de ação que compreendem o processo de análise da Geopolítica, sendo eles:

EIXO 1: A Geopolítica clássica: buscando as bases do pensamento: no primeiro momento foi elaborado um levantamento bibliográfico referente aos autores clássicos da Geopolítica mundial visando revisitar estas teorias para compreender as mesmas e estabelecer o que definimos como campo hegemônico.

EIXO 2: Análise da produção Geopolítica contemporânea: neste recorte foram realizados discussões e análises sobre a teoria Geopolítica contemporânea, seus campos de atuação bem como as temáticas atuais. O levantamento de dados preliminares deu-se a partir da plataforma de dados da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como temporalidade os anos de 2017/2018.

EIXO 3: Análise da Multiplicidade de pesquisas em Geopolítica no Brasil: realizamos uma análise dos trabalhos a partir dos títulos, palavras-chave e resumos, buscando compreender a partir destes os seguintes itens: Temática abordada; Objetivo do trabalho; local da publicação e tipo de trabalho (tese ou dissertação). Após o recolhimento dos dados foi utilizado como método a análise textual descritiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O nascer da geografia política e a Geopolítica clássica

A Geografia Política tem seu nascimento na fase dita tradicional da ciência geográfica, sendo um dos primeiros responsáveis pela sua sistematização o alemão Friedrich Ratzel (1844-1904). O autor possui inegável importância para esta área, pois, sua obra intitulada *Geografia Política* (1897) apresenta-se como o marco histórico que introduz estas discussões dentro do discurso da Geografia.

A partir deste autor elabora-se uma das primeiras concepções sobre território e o Estado, como apresenta COSTA (1991, p. 32) “os Estados são organismos que devem ser concebidos em sua íntima conexão com o espaço”. Desta forma, o nascer da geografia política relaciona-se intimamente com a organização/concepção do Estado-Nação e sua organização.

Estas questões apresentadas é o que torna sofisticado para a época este pensamento. O autor ainda atribui ao solo (como sinônimo de território nacional) e suas características os pressupostos para o desenvolvimento do Estado. Derivado das concepções ratzelianas, no que diz respeito a Geopolítica clássica, a mesma emerge com o autor Rudolf Kjellén (1864-1922).

O referido autor retoma as ideias da relação entre Estado-Nação e território elencando a Geopolítica como um ramo da ciência política. Esse expõe suas definições na obra intitulada *O Estado como forma de vida*. “O Estado nasce, cresce, e morre em meio de lutas e conflitos biológicos, dominado por duas essências principais (o meio e a raça) e três secundárias (a economia, a sociedade e o governo)” (KJELLÉN, 1961, pg. 49).

Torna-se evidente no discurso a personalidade estreita, reducionista e expansionista da sua concepção. Ao longo do decorrer da Geopolítica clássica inúmeros autores derivam suas teorias das concepções que vinculam o Estado-Nação e sua expansão como os agentes locomotores da construção e ordem mundial.

Podemos evidenciar neste período nascimento de diversas obras que usarão destas teorias para legitimar o imperialismo no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Discursos deterministas hegemônicos são apoiados por esse arcabouço teórico. Estes pressupostos seriam um dos principais motivos pelo qual a Geopolítica na ciência geográfica carregou consigo a chaga do Estado-Nação como o motor principal da teoria Geopolítica na geografia.

Durante muito tempo “A naturalização do Estado e do espaço pelo determinismo geográfico e a reação extrema a essa postura criam, assim, um impasse para a análise das relações entre o espaço, o político e a sociedade em geral” (BECKER; 1988, 117). A crítica da autora denota o teor simplista destas análises, pois não abre-se novos meios para o reconhecimento de outras fontes de poder.

Percebemos então, de acordo com BECKER (1988, p. 118), que ao discutir o conhecimento geopolítico a geografia permaneceu, assim, “[...] à margem de

autores: Geopolítica e conflitos internacionais; Geopolítica e meio ambiente; Geopolítica e educação; Geopolítica e imperialismo; Geopolítica na América Latina e Geopolítica Brasileira.

A temática que desponta em primeiro lugar é a Geopolítica e Meio Ambiente, com um total de 09 trabalhos defendidos (05 teses e 06 dissertações) com foco em impactos ambientais. Assuntos como agronegócio, grilagem de terras, megaprojetos de mineração são os que despontam. O segundo tema mais abordado refere-se a Geopolítica e conflitos internacionais e também a Geopolítica brasileira. Nestas classificações surgem questões como, por exemplo, movimentos nacionalistas, Crime Organizado, geoestratégias supranacionais, etc.

Com menores expressões e pulverizadas sobre o território nacional em diversas universidades aparecem pesquisas relacionadas com Geopolítica na América Latina, Geopolítica e imperialismo, Educação e Geopolítica e Geopolítica e cinema.

Por fim, torna-se evidente que na atualidade existe a coexistência entre um discurso hegemônico centrado no Estado e abordagens contra-hegêmicas, as quais caminham no sentido de demonstrar outras fontes de poder que vem construindo novas pesquisas nesta área.

4. CONCLUSÕES

Destaca-se que compreender os saberes geopolíticos na modernidade torna-se essencial para nos desvencilhar da hegemonia de um poder que busca a manutenção de determinados grupos como detentores absolutos do mesmo. Desta maneira, a Geopolítica apresenta-se como uma área de suma importância para a ciência geográfica e os estudos desta dimensão do saber nos possibilitam um entendimento acerca das diversas escalas de poder.

Por um longo período este conhecimento restringiu-se a defender/legitimar políticas expansionistas dos Estados Nacionais. Esta característica afastou de certa forma estas discussões da ciência geográfica, inclusive no sentido de negar a importância deste saber.

Todavia, podemos observar na pesquisa que a produção acadêmica na geografia brasileira tendo como temática a Geopolítica, nos anos de 2016 e 2017, traça um caminho que compartilha com a análise da autora Bertha Koiffmann Becker (1988, p. 119), a qual entende que devemos compreender este saber a partir das relações entre espaço e poder em múltiplas escalas de análise.

É perceptível que o escopo da produção acadêmica na contemporaneidade criou novos focos de análise. Do expansionismo clássico, agora evidenciamos novos campos de poder em diversas escalas. Com base neste deslocamento temático evidenciamos a construção de um campo contra-hegemônico em termos de Geopolítica para a geografia brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, B. K. **A geografia e o resgate da Geopolítica**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 50, t.2, p. 99-125, 1988. Número especial.
- COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 352 p
- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.
- KJELLÉN, Rudolf. **Staten som Lifsform**. Estocolmo: Hugo Gebers Förlag, 1916.
- MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces**. Ciência & Educação, v.12, n.1, p.117-128, 2006.